

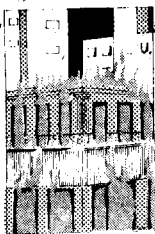
Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
I 000000 00000 00 000000 0000 00 0000 0000 0000 0000 0000 0000 0000

CMUT0009290

F. J.

INCÊNDIO desfigura centro histórico. Correio Popular, Campinas, 19 mar. 1994.

O casarão que as chamas consumiram ontem era um dos cinco marcos do Centro Histórico de Campinas, região delimitada



legalmente em 1989, quase um ano depois do tombamento do imóvel em si — o antigo Solar do Visconde de Indaiatuba — pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc). A vitória preservacionista, porém, não apagou uma certa aura de maldito que o prédio, concluído em 1846, ganhou na memória da cidade, a partir de 1951, quando a cobertura do Cine Rink desabou, provocando muitas mortes. Logo em seguida, a Prefeitura interditou por meses o Solar. ~

Distante duas quadras do cinema (que existia na esquina das ruas Barão de Jaguará com Conceição), descobriu-se que as condições do telhado do casarão também apontavam para o risco de desabamento.

Nos anos seguintes, os arredores do prédio acumularam uma série de catástrofes. Logo em 1959, houve um grande incêndio num depósito de produtos farmacêuticos, na ligação da Barão de Jaguará com a César Bierrembach. Nos anos 80, as chamas também danificaram o Palácio dos Enfeites na Conceição, e o Eden Bar, na Barão de Jaguará. Tudo, como se an-

tecipasse o trágico desfecho para um obra muito representativa de um período de grande prosperidade para Campinas. A construção data de uma época em que a economia da cidade estava em transição, da produção açucareira para a monocultura do café. Por isso, o prédio apresenta características arquitetônicas de ambos os períodos históricos. Reúne traços tipicamente coloniais, como a técnica taipa-de-pilão (madeira e barro) e elementos inovadores para a época, como o balcão com grades de ferro, material de pouco uso no Brasil naqueles anos.

Até mesmo um jardim externo — tendência que se importaria no País apenas próximo ao final do século 19 — supõe-se ter composto a arquitetura do Solar, por causa de um recuo em relação ao limite lateral do lote. A verdade é que, ao longo de seus quase 150 anos de existência, o imóvel foi objeto de profundas e inadvertidas alterações, para abrigar as mais diversas atividades, inclusive comerciais, o que tornou irrecuperáveis muitas de suas características originais.

De todas as destinações, só uma preocupou-se com a preservação do conjunto arquitetônico: a do Clube Semanal de Cultura Artística, sede requintada, de veludos, sedas, candelabros e tocheiros, no melhor estilo do império — e notável fator de risco para incêndios.

Visconde se destacou na política

Joaquim Bonifácio do Amaral, o Visconde de Indaiatuba (3.9.1815 - 6.11.1884), o primeiro ocupante do casarão histórico que Campinas perdeu, foi uma figura destacada pela intensa participação na vida política e econômica da sociedade campineira do século passado. Opositorista ao então poderoso Partido Conservador, lutou ao lado dos liberais no episódio conhecido como combate da Venda Grande, tentativa fracassada de conquista revolucionária da presidência da Província de São Paulo.

O visconde era conhecido também por suas idéias vanguardistas nas atividades agrícolas. Introduziu, já em 1852, o trabalho livre nas fazendas de Sete Quedas, Salto Grande e Saltinho, de sua propriedade, criando colônias de alemães e tirolese. Embora defendesse que o trabalho livre era mais produtivo que o escravo, um conceito

antagônico à ideologia racista da época, ele não escondia que sonhava com uma "europeização" do Brasil, a partir da pretensa superioridade étnica dos colonos estrangeiros.

O estilo empreendedor do visconde manifestou-se também em outras áreas. Participou da fundação do Colégio Culto à Ciência e criou o Clube da Lavoura, que difundiu o café paulista no mercado internacional. O poder que o Visconde de Indaiatuba detinha era constantemente demonstrado nos suntuosos salões do Solar, onde realizava recepções para a elite da época e, por duas vezes, hospedou o imperador d. Pedro II e sua mulher, d. Tereza Cristina. O mobiliário do Solar, todo de origem francesa, começou a ser retirado do local em 1884, quando deixou de ser moradia da família do Visconde, e hoje, encontra-se em mão de colecionadores particulares.

Século e meio de alterações

- ☐ **1846** — Tereza Miquelina do Amaral Pompeo, irmã do Visconde de Indaiatuba, é a primeira ocupante do Solar recém-construído, num dos pontos mais nobres de Campinas, considerado área central desde a fundação da cidade.
- ☐ **1884** — Encerra-se a permanência dos irmãos no prédio, com a morte do Visconde, em 6 de novembro daquele ano. É o fim também de quase 40 anos de festas elegantes e reuniões dos intelectuais do movimento liberal.
- ☐ **1891 a 1926** — O Solar sedia o Clube Campineiro, que, em 1901 impulsionou a criação do Centro de Ciências, Letras e Artes, uma histórica reserva de intelectuais.
- ☐ **1926 a 1959** — Após reformas, o casarão abriga, no primeiro andar, o Clube Semanal de Cultura Artística. Durante o incêndio de ontem, Carlos Lobo, 62, presidente do Sindicato dos Logistas de Campinas, chorava, ao lembrar que, durante o *footing* dos jovens nas calçadas, a maior diversão era admirar as calcinhas das garotas que se aproximavam demais das sacadas, nos bailes. No andar térreo funcionava o Café do Povo e a Sorveteria Sônia.
- ☐ **1926 a 1930** — Período de grandes alterações arquitetônicas, como a substituição da fachada voltada para a Barrão de Jaguará, no térreo, por uma estrutura de concreto que redefiniu os vãos e permitiu maior adequação ao uso comercial. As paredes de taipa-de-pilão foram eliminadas, também no térreo, e as sustentações do andar superior, trocadas por vigas de concreto armado, o mesmo acontecendo com os suportes dos balcões. O cunhal do térreo (ponto de convergência das duas fachadas) perdeu seus ornamentos. Depois da interdição, em 1951, a antiga cobertura foi substituída por outra, mais resistente, para evitar uma reedição da tragédia do Cine Rink.
- ☐ **Anos 60 e 70** — As duas décadas marcam a decadência das atividades culturais no Solar, que passou a ter múltiplos usos, desde sede de um comitê eleitoral ao funcionamento de um cursinho pré-vestibular.
- ☐ **1988** — Tombamento como patrimônio de Campinas, pelo Condepacc.
- ☐ **1989** — Definição do centro histórico de Campinas, incluindo o Solar como um dos marcos, ao lado do Centro Cultural Vitória, Catedral Metropolitana, Palácio dos Azulejos e Pátio dos Leões da Puccamp.

História em Chamas

Moacyr Castro

Agora, um dos cafés que marcaram a história dessa minha infeliz cidade, moderna e entregue à sanha de irresponsável, está morto. Virou escombros. Partiu antes do fogo, trocado por lojinhas de comércio vulgar — o velho e inesquecível reduto dos jovens da minha geração, o Café do Povo. Abatido pelo “progresso”, ficou pairando nas nuvens sobre o Largo do Rosário e a Barão de Jaguará, invejando o sucesso do outro, o eterno “Covil das Serpentes”, refugiado no Café Regina. Foi embora para sempre. Desencarnou.

Um em cada ponto na Barão de Jaguará, entre a General Osório e Bernardino de Campos, eram os pilares de uma região mágica de Campinas. O Café do Povo abrigou a juventude transviada, os primeiros playboys que sonhavam encarnar James Dean de casaco de couro e Porsche, contentando-se em singrar as pedras da Barão em prosaicos Fuscas e humildes lambretas, envergando, porém, blusões de náilon.

Com os “boys da estátua”, que se juntavam numa tribo sob a batuta de Carlos Gomes, formavam as primeiras gangues rivais de Campinas.

Ali era o cenário das primeiras aventuras dos filhinhos de papai da cidade. Nos fundos do Café do Povo, o irritado Nagib fazia vistas grossas para a meninada que jogava dadinhos às escondidas para engrassar ou perder de vez a mesada garantida pelos pais — Nagib, o turco, bancava o popuer. A polícia dava em cima, mas tudo acabava bem. Os pais eram amigos dos delegados.

Era o tempo dos primeiros rachas de automóveis e diversos meninos se esborracharam na curva da Thomaz Alves. Esparramavam óleo nos paralelepípedos da rua e os postes apararam muitas deslizadas na “pista”.

Agora, o fogo acabou com a história. Como remontar para nossos filhos? Nossos netos? O palco iluminado do Tanco de Ouro, quartel-general de boêmios, machões, bêbados... E agora? Como boêmios, machões, malandros, gigolôs e mariposas vão matar saudades da difícil vida fácil que protagonizavam ali?

E os inocentes de ontem, levados pelas titias ao paraíso encantado dos chocolates Koppenhagen? E os inocentes de hoje? Terão memória para se lembrar um dia daquele cantinho doce da Barão?

Entre esses dois cafés, o casarão do Visconde de Indaítuba, irmão de dona Tereza Miquelina do Amaral? Tombado pelo patrimônio histórico, jamais preservado, só não foi bordel na vida. Teve ocupações mais dignas num passado perdido no tempo, quando abrigou uma das primeiras sedes do Clube Semanal de Cultura Artística.

Mais atrás na rolança do tempo, esse casarão tombado pelos homens e destruído pelo fogo recebeu por duas vezes o imperador Pedro II e sua mulher dona Teresa Cristina. A primeira, em 25 de agosto de 1875 e a segunda, em 14 de setembro de 1878. Em 6 de novembro de 1884 morria o dono dessa construção histórica incinerada ontem. A viscondessa partiu depois, em 7 de dezembro de 1897.

O que aquelas paredes ouviram...

Quem quiser saber mais dessa região mágica de Campinas, que ontem perdeu seu encanto para sempre, pode confiar na memória quase espiritual do escritor Guilherme Figueiredo. É dele uma reconstituição da vida naqueles tempos de Campinas, tempos deliciosos, rememorados em Rue de Tilsitt, 14 Paris. Nesse quartetão, imaginou Guilherme Fi-

gueiredo, viveu o impagável Coronel Antonio Ramalho, o Totonho, campineiro de ficção, aventureiro de coração.

“Brinquinho nunca esteve em Paris”. Ao fazer essa constatação, o Coronel Antonio Ramalho decide proporcionar ao cão Brinquinho, que o salvou do ataque de uma onça, um passeio pela Cidade Luz. E o prefácio de Mário da Silva Brito acrescenta: “Totonho, cuja fazenda de café em Campinas tem a extensão de um grão-ducado, vale-se desse insólito pretexto disfarçado em gratidão, para matar saudades, ele mesmo, de suas anteriores estadas por Paris. E assim, acompanhado da mulher e do cão Brinquinho, parte para a França, indo instalar-se à Rua de Tilsitt, número 14, para outra aventura parisiense”.

O resto é pura saga de campineiros que souberam viver melhor do que nós a magia e os sonhos desse pedaço iluminado da cidade que ontem as cinzas escureceram para sempre.

Enquanto nosso Condepacc se preocupa em tombar os paralelepípedos da Rua José Paulino, os paralelepípedos da Barão de Jaguará choram o fim do cenário de uma Campinas rica, real, imperial, feliz.

Equipes envolvidas no combate ao incêndio do cassarão do centro de Campinas foram obrigadas a isolar uma área de cerca de 500 metros nas imediações do local. A principal preocupação dos bombeiros era preservar a segurança de moradores de dois prédios residenciais, localizados na Rua Dr. Quirino. A existência de oito cilindros de gás de cozinha nos fundos de um deles (Edifício Dona Nicolina), conforme informação do Corpo de Bombeiros, tornava a tarefa do controle das chamas mais preocupante.



O risco de explosão dos cilindros aumentou o pânico dos moradores. Um bombeiro envolvido na operação explicou que uma explosão só aconteceria, caso falhasse a válvula de segurança de um dos cilindros.

Funcionários da Defesa Civil alertaram para as consequências do incêndio, sobretudo em razão de o Edifício Dona Nicolina ser um prédio antigo. Eles entendiam que o calor das chamas aumentava o risco de rachaduras e infiltrações na estrutura. Apesar da preo-

cupação dos bombeiros, nenhum recipiente de gás, que abastece o edifício, explodiu.

Duas horas após o início do incêndio, uma equipe de bombeiros da empresa Rhodia apareceu no local, por solicitação da Prefeitura, conforme informação de um dos membros do efetivo. Vestidos com roupas especiais, reforçaram as equipes de trabalho.

O quadrilátero formado pela Avenida Francisco Glicério e ruas General Osório, Luzitana e Benjamin Constant foi isolado por faixas e segurança e pelo bloqueio protagonizado pelas equipes de apoio e também por voluntários envolvidos na operação.

Funcionários do Banco Mercantil de São Paulo, localizado bem em frente ao Restaurante Cenat, também foram obrigados a deixar o prédio. Segundo depoimento de empregados da agência, cerca de 20 funcionários, entre bancários e encarregados da limpeza, estavam no banco na hora em que o incêndio se iniciou. "Notamos que havia acontecido um curto-circuito no fio e descemos imediatamente logo que o fogo começou", lembrou o bancário Celso Antonio da Silva.

Prédios vizinhos são desocupados

Por recomendação do Corpo de Bombeiros e iniciativa dos próprios moradores, os prédios residenciais Dona Nicolina e Três Rios, localizados na Rua Dr. Quirino, a poucos metros do incêndio no casarão, foram desocupados. No primeiro, moram cerca de 60 condôminos, em 12 apartamentos. No segundo, 200 moradores, aproximadamente, em 52 apartamentos. O trabalho de desocupação foi bastante tumultuado. Alguns moradores insistiam em retirar pertences, voltando aos edifícios numa suspeita de que o fogo pudesse se alastrar por seus apartamentos.

A aposentada Terezinha Fagundes, 68 anos, foi levada para fora do prédio,

carregada junto à cadeira em que se sentara para assistir à tevê. "Não posso andar. Por isso foi tudo mais difícil", resignava-se. Ao seu lado, outras duas amigas. A carioca Maria Leal, 75 anos, em passeio por Campinas, e Brígida Fonseca de Moraes, 70 anos. "Nunca vi um fogo chegar tão perto de mim assim", contou Brígida.

Duas horas após o início do incêndio, uma viatura do Corpo de Bombeiros foi obrigada a "resfriar" o Edifício Dona Nicolina, em razão da proximidade das chamas e do risco de um novo incêndio. "Deve estar um calor do inferno lá dentro", constatava um morador do prédio.

Moradores já temiam incêndios

Os moradores do Edifício dona Nicolina, na Rua Dr. Quirino, já haviam prevenido as autoridades quanto aos riscos de incêndio no Solar do Barão de Indaiatuba. Há cerca de três meses eles fizeram um abaixo-assinado reclamando da falta de segurança no acondicionamento dos botijões de gás do restaurante Cenat. O documento foi enviado para o Corpo de Bombeiros e para a Prefeitura, que prometeu enviar um fiscal.

A funcionária pública Mônica Almeida Prado diz que da janela do seu apartamento, no terceiro andar do edifício, podia ver os botijões amontoados nos fundos do restaurante. "Ficava tudo numa salinha lá do fundo. Só dava para ver de alguns apartamentos: parecia que eles estavam tentando esconder", disse Mônica.

Ela afirma que o motivo do abaixo-assinado foi um vazamento ocor-

rido há três meses. "Dava para sentir o cheiro de gás lá de casa", lembra. Mônica mora há dois anos no prédio juntamente com outras 50 pessoas que se dividem pelos seus 12 apartamentos. O dona Nicolina fica atrás do casarão e todos os seus moradores tiveram que ser retirados.

Ricardo Caporossi, dono da Lotérica Periquito de Ouro, que chegou a ser atingida pelo incêndio, também participou do abaixo-assinado e alertou para o perigo dos botijões. Os cilindros de gás acabaram se transformando em um empecílio a mais para os bombeiros. Uma viatura autobomba plataforma (ABP) foi usada exclusivamente para resfriar os botijões e evitar que o fogo se espalhasse para outros prédios vizinhos. Seis deles pegaram fogo quando o incêndio parecia estar sob controle. Foi o último foco a ser controlado.

□ **Camarote** — O incêndio atraiu cerca de 2 mil curiosos e as marquises do Largo do Rosário, que não desfrutaram da fama de ser muito seguras, serviram de ponto de observação para dezenas de pessoas. Os espectadores alcançavam o local escalando as palmeiras do largo e se amontoavam sobre as lojas, sem se intimidar pelo fato de a estrutura toda estar precariamente escorada. Os riscos de desabamento foram detectados no final do ano passado. Quando as bases de concreto das marquises começaram a ceder.

□ **Platéia miúda** — A parcela mais animada desse intrépido público era composta por meninos de rua. Acostumados a dormir nos bancos do Largo do Rosário, as crianças foram as primeiras a ganhar os camarotes privilegiados e faziam questão de acompanhar, animadas, os clarões e o pânico de uma noite

fora de sua rotina. Diante de tanta disposição em acompanhar o incêndio em todos os detalhes, de nada adiantavam os gritos de advertência de policiais e bombeiros, sobre o perigo de desabamento das marquises, o que seria desastre demais para um início de Quaresma.

□ **Click nas chamas** — Sob a justificativa de que desejava “guardar uma última lembrança de um prédio tão histórico e bonito”, a estudante Lucilene Cerqueira Dias disparou sua pequena máquina fotográfica 36 vezes durante o trabalho dos bombeiros. A poucos metros, Ricardo Tavanero, munido de uma filmadora, tentava um estilo mais profissional. “Enquanto estou aqui, minha filha está fazendo contato com emissoras de tevê, para a venda das imagens, que, tenho certeza, serão as mais exclusivas de todas”, gabava-se o cameraman espertalhão.

□ **Sem saideira** — Nem para todo mundo, entretanto, o incêndio do Solar do Visconde de Indaiatuba foi uma festa. O gerente da Pizzaria Giovanetti 3 (Barão de Jaguará), Adriano Marques, lamentava a debandada dos clientes que se encontravam no estabelecimento, quando começou a confusão. Rendo-se ao fato de que nenhum argumento impediria os fregueses de ganhar as ruas, o gerente cuidou, ao menos, para que ninguém saísse sem pagar a conta. A retirada em massa foi devidamente supervisionada por dois corpulentos seguranças.

□ **Voluntários** — Uma legião de voluntários se formou de imediato ao incêndio no casarão. Seja para orientar os curiosos ou bloquear as ruas e avenidas das imediações. O tenente Flávio Jacinto de Moraes, comandante do pelotão da Polícia do Exército (PE) de Campinas, era uma deles. Moraes lide-

rou uma equipe paralela, mesmo sem estar em serviço. À paisana e se confundindo com mais um curioso, foi um dos que subiu e desceu inúmeras vezes os andares do Edifício Três Rios, na Rua Dr. Quirino, na tentativa de avisar os moradores para desocupar o prédio.

□ **Corpo estranho** — Às 22h5, uma hora e meia após o início do incêndio, uma cabeça apontou no nono andar do Edifício Três Rios, na Rua Dr. Quirino. Curiosos e membros das equipes de apoio notaram-na imediatamente. O que faria uma pessoa no apartamento, depois da desocupação do prédio? A pergunta não demorou para ser respondida. “Não sei por que tanto estardalhaço. Subi para verificar o gás de cozinha e molhar as cortinas. Nada mais.” Explicou o estudante Sandro Gonçalves, numa naturalidade que irritou os policiais.

□ **“Abra a porta”** — Na confusão que se seguiu ao incêndio, dois garçons da Lanchonete e Padaria Polo Norte, na Rua Barão de Jaguará, ficaram “presos” dentro do estabelecimento. Sem que notassem os colegas trocando roupas, nos fundos da padaria, outros funcionários fecharam a porta para abandonar rapidamente o local. Os garçons só foram retirados da lanchonete, depois de muito esmurrar as portas de aço e esgoelar por socorro. Bombeiros envolvidos no combate ao fogo notaram que alguma coisa estava errada no Polo Norte, e ajudaram os garçons.

A cobertura do incêndio no centro histórico foi feita pelos repórteres Manuel Alves Filho, Marcelo Pereira, Ricardo Galhardo, Carlos Lemes Pereira, José Renato Crepaldi (textos), Alexandre Battibugli, e Felipe Christ (fotos). Edição: Álvaro Luís Kassab. Arquivo: Antonio João Boscolo.

Às 19h45, horário exato em que o sol se pôs, estava vazio o restaurante Cenat, ao contrário do que ocorre em outros dias da semana. É que, na tradição adventista, igreja responsável pelo Centro Naturismo Restaurantes Ltda, começava então o sábado, dia de guarda (e que termina somente hoje à mesma hora). O último traço de luz do



sol deu lugar, exatamente uma hora depois, a um clarão no céu avistado pelo sargento Waldemar, do Corpo de Bombeiros, na Rua Ferreira Penteado, a 500 metros de distância, antes mesmo da confirmação oficial do incêndio.

Nesta altura, duas equipes do Corpo de Bombeiros chegavam ao local para atender ao vago chamado de um incêndio “num restaurante”. O tenente Luís Rubens não titubeou: pediu reforço, pois o quadro era grave, o maior fogo jamais visto pela maioria dos jovens sol-

dados que ajustavam os hidrantes. “Dava para ver as chamas entre os prédios, logo depois um rolo grosso de fumaça”, testemunhou o sargento Waldemar, de seu posto de observação. Não ficou uma única viatura no pátio.

Em minutos, todo o centro da cidade estava escuro, como se estivesse de luto por tudo aquilo que se perdeu com o incêndio — os danos materiais, a tranqüilidade e a segurança. Nenhuma surpresa para os bombeiros, que alertam para os riscos da “caixa de fósforos” no centro desde os anos 70. A expressão era muito usada pelo

então tenente Coelho, do Corpo de Bombeiros, em suas palestras, em relatórios às autoridades e entrevistas à imprensa. "Se estourar um botijão de gás numa dessas pastelarias, o Centro vira um fogo só", costumava advertir, às vezes em tom provocador.

Enquanto os bombeiros trabalhavam, a comoção e a indiferença conviviam nessa área do Centro, marco zero da cidade, e onde de tudo acontece. Ao mesmo tempo em que um casal de pesquisadores da Unicamp dividia tranqüilamente um

filé de peixe a dorê no Restaurante Rosário, o aposentado Antonio Gimenez queixava-se ao pipoqueiro instalado em frente ao Cine Windsor: "O Taco de Ouro já se foi; com o cedro e o ipê das mesas de bilhar, o fogo correu como demônio." O homem estava emocionado.

E com razão: hoje, ao nascer do sol, a cidade acorda diferente. A carcaça queimada do casarão do Cenat, com o teto descoberto, e as várias lojas vizinhas destruídas, expõem a tragédia arquitetônica prevista há 20 anos pelo tenente Coelho.

Bombeiros acreditam em problemas na rede elétrica

Segundo os bombeiros, o incêndio no Solar do Barão de Indaiatuba pode ter sido provocado por problemas na rede elétrica. Uma hipótese provável é a de que um transformador da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) entre as ruas General Osório e Barão de Jaguara tenha explodido e chamuscado o madeiramento do casarão. Outra hipótese é que tenha havido um curto-circuito nas instalações do prédio.

A proprietária do Restaurante Cenat, Teresa Santelli garante que as instalações esta-

vam em perfeitas condições. "Eu sempre mandava revisar a fiação porque o prédio era todo de madeira", alega Teresa. Em junho do ano passado a Comissão de Vistoria e Prevenção contra Incêndio e Pânico (CVPIP) realizou uma vistoria no casarão. Uma lista de exigências foi feita mas nem a Defesa Civil nem o Corpo de Bombeiros sabem informar se foram cumpridas.

O eletricista Humberto Martorano Júnior, que executou serviços no restaurante há cerca

de quatro anos, afirma que o estado das instalações era precário. "Tudo lá era feito na base do improviso. Puxavam um fio daqui e outro dali e tudo bem", lembra. Humberto afirma que sempre que propunha um serviço mais extenso a proprietária rechaçava a idéia devido aos altos custos. "Eu parei de trabalhar lá porque a dona nunca queria pagar o meu preço". Teresa Santelli avalia o prejuízo em US\$ 100 mil. O seu advogado, Anastácio da Silva informou que o restaurante estava segurado.

O incêndio, minuto a minuto

20h30: Surge o primeiro foco de incêndio no antigo Solar do Visconde de Indaiatuba. De acordo com uma testemunha, o fogo foi provocado pela explosão de um transformador, que jogou centelhas na fachada do restaurante Cenat, localizado no segundo andar.

20h40: Os bombeiros são acionados.

20h45: Os bombeiros chegam ao local do incêndio.

20h48: As labaredas atingem 20 metros de altura. O calor provocado pelo fogo é tão grande que aquece o ambiente num raio de 20 metros.

21h15: Começam a chegar caminhões-pipa cedidos pela Sanasa e Prefeitura.

21h20: O Corpo de Bombeiros coloca em funcionamento a

auto-escada automática, uma plataforma que é controlada a distância e que lança água de uma altura de 20 metros.

21h35: O fogo se alastra pelo térreo do prédio histórico, atingindo três estabelecimentos comerciais instalados no pavimento.

21h55: A Polícia Militar, que faz o isolamento da área em torno do prédio em chamas, tem dificuldade para controlar os curiosos. O Corpo de Bombeiros é obrigado a jogar jatos de água contra a multidão para afastá-la das proximidades.

22h15: Os bombeiros começam finalmente a controlar o incêndio.

22h40: O fogo é controlado, restando pequenos focos de incêndio no interior da Masa Tecidos.

23h: O prefeito Magalhães Teixeira chega ao local do incêndio. Ele promete pedir ao Condepacc um estudo sobre a possibilidade de restaurar o prédio histórico.

23h: O prefeito Magalhães Teixeira chega ao local do incêndio. Ele promete pedir ao Condepacc um estudo sobre a possibilidade de restaurar o prédio histórico.

23h20: Começa o trabalho de rescaldo.

Incêndio desfigura centro histórico

Um incêndio destruiu ontem à noite o antigo Solar do Visconde de Indaiatuba, um dos mais importantes patrimônios arquitetônicos de Campinas. O casarão, localizado na esquina das ruas Barão de Jaguara e General Osório, no Centro, abrigava quatro estabelecimentos comerciais. O fogo, conforme o Corpo de Bombeiros, começou depois da explosão de um transformador de energia, instalado de frente ao prédio. Não houve vítimas. Esse foi o segundo incêndio ocorrido em Campinas no prazo de uma semana. Na edição do último dia 11, o **Correio Popular** publicou reportagem denunciando a falta de segurança

em imóveis da região central, principalmente na área de prevenção a incêndios.

O antigo Solar do Visconde de Indaiatuba foi totalmente destruído em questão de minutos. O fogo começou às 20h30. Cinco minutos depois, as labaredas já tomavam conta do segundo pavimento, onde funciona o restaurante vegetariano Cenat. A tragédia só não foi maior porque o estabelecimento estava fechado, graças ao costume religioso dos proprietários. Integrantes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, eles não abrem o restaurante às sextas-feiras e aos sábados, dias reservados às atividades religiosas.

Depois que o fogo já havia destruído as dependências do Cenat, os bombeiros localizaram focos de incêndio na Massa Tecidos, Lotérica Campeão da Barão e Bilhar Taco de Ouro, localizados no térreo do prédio. Como os quatro estabelecimentos armazenavam materiais de fácil combustão, como papéis, tecidos e madeira, as chamas tomaram rapidamente todo o imóvel. Em pouco mais de uma hora, o casarão histórico estava completamente destruído.

De acordo com o major Roberto Sacatoli, que comandou a operação de combate ao incêndio, os bombeiros tiveram dificuldade em controlar a si-

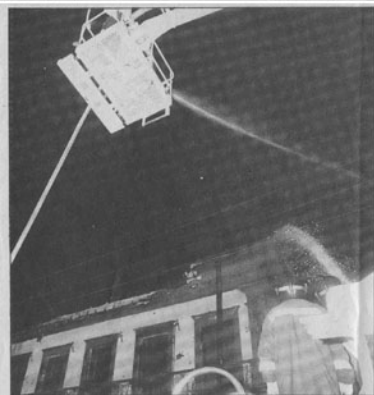
tução porque faltou água no início. Ele considerou, porém, que o trabalho foi eficiente, porque "conseguimos evitar que o fogo se espalhasse para os prédios mais próximos", disse. Ainda conforme Sacatoli, foram utilizados oito hidrantes localizados em um raio de 100 metros do local do incêndio.

Participaram da operação 45 homens do Corpo de Bombeiros, além de integrantes da Defesa Civil, Polícia Militar, Secretaria de Transportes, Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S.A. (Sanasa), Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec) e funcionários

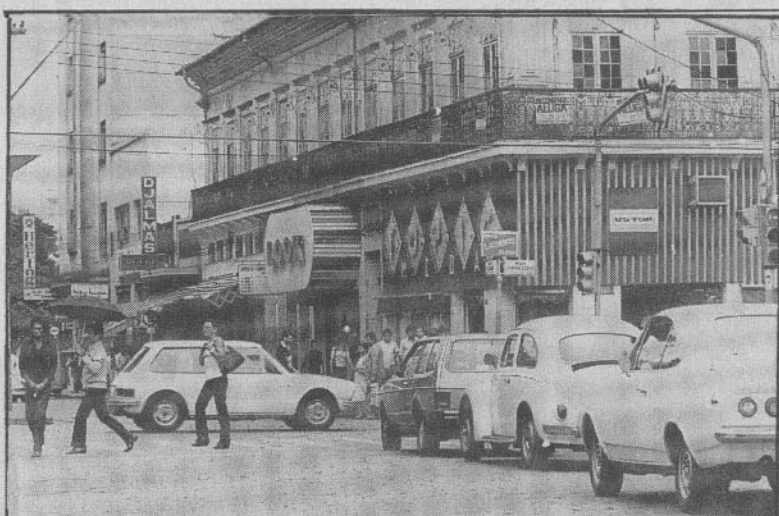
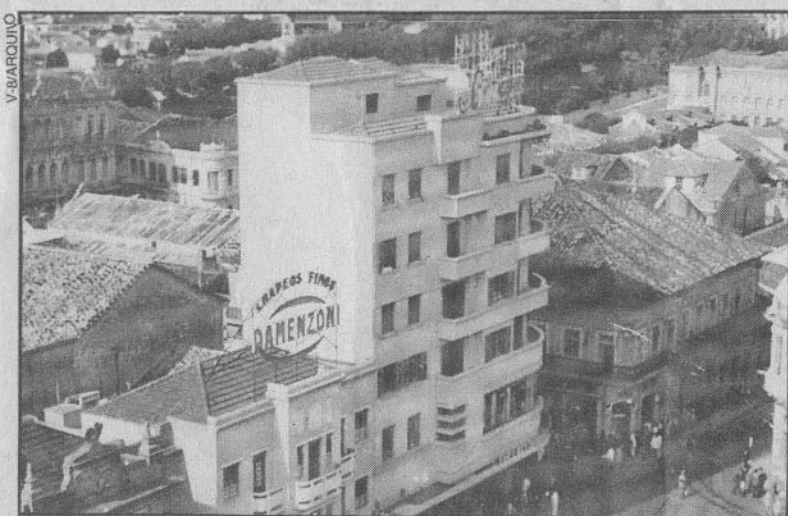
das administrações regionais (ARs). De acordo com o major Sacatoli, foram deslocados para o local 12 carros-pipas, uma escada Magirus com 33 metros de comprimento e uma auto-escada automática com 20 metros de altura.

De acordo com técnicos da Sanasa e da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), foi cortado o fornecimento de energia e de água na região próxima ao antigo casarão. O trabalho de rescaldo começou por volta das 23h40 de ontem e a previsão, segundo o Corpo de Bombeiros, era de que o trabalho continuasse durante toda a madrugada. O trânsito ficou congestionado na região.





Bombeiros chegam no início do incêndio (foto maior), usam plataforma para combater o fogo (acima, à esquerda) que destruiu as portas de aço



Na seqüência, as transformações no casarão nas décadas de 30, 50, 70, 80 e 90: 150 anos de história

V. BARQUILHO

NELSON CHINALIA

NELSON CHINALIA

FELIPE CHRIST



Fogo destrói Taco de Ouro (acima), enquanto os bombeiros tentam controlar as chamas na loja vizinha (abaixo)



Teresa Santelli avalia prejuízo em US\$ 100 mil